

EDUCAÇÃO

V.11 • N.3 • Publicação Contínua - 2022

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2022v11n3p223-234



## O QUE OS ALGORITMOS DE BUSCA COMUNICAM SOBRE AS LESBIANIDADES?<sup>1</sup>

WHAT DO SEARCH ALGORITHMS  
COMMUNICATE ABOUT LESBIANITIES?

QUÉ COMUNICAN LOS ALGORITMOS DE BÚSQUEDA  
SOBRE LAS LESBIANIDADES?

Julianna Paz Japiassu Motter<sup>2</sup>

1 Artigo apresentado ao Eixo Temático 1: Educação e Comunicação na Ciberultura, do II Encontro Regional Norte-Nordeste da ABCiber.

## RESUMO

Este trabalho utiliza o evento de mudança dos algoritmos do Google para o termo “lésbica” e associados, em agosto de 2019 para o estudo das plataformas digitais e sua influência e participação nas controvérsias cotidianas relacionadas à sexualidade e gênero, partindo da reflexão de Gillespie (2018) sobre os buscadores como fonte de conhecimento. A pesquisa está metodologicamente e teoricamente alinhada à Teoria Ator-Rede e à Teoria Fundamentada nos Dados. Os resultados das buscas em 18 páginas de resultados do *Bing* e do *Yahoo* para o termo “lésbica” apontam para a perspectiva de não neutralidade de tecnologia e, com isso para reflexões sobre o papel dos algoritmos na vida cotidiana e nas dinâmicas de poder, podendo criar ou aprofundar dilemas e controvérsias. O objetivo é refletir sobre a persistência de conteúdos pornográficos nessas plataformas e suas consequências.

## PALAVRAS-CHAVE

Lesbianidades. Pornografia. Algoritmização. Plataformização.

## RESUMEN

Este trabajo utiliza el evento de cambiar los algoritmos de Google al término "lesbiana" y asociadas, en agosto de 2019 para el estudio de las plataformas digitales y su influencia y participación en las controversias diarias relacionadas con la sexualidad y el género, basadas en la reflexión de Gillespie (2018) en los motores de búsqueda como fuente de conocimiento. La investigación está metodológicamente y teóricamente alineada con la teoría del actor-red y la teoría fundamentada. Los resultados de búsqueda en 18 páginas de resultados de Bing y Yahoo para el término "lesbiana" apuntan a la perspectiva de la no neutralidad tecnológica y, con eso, a reflexiones sobre el papel de los algoritmos en la vida cotidiana y en la dinámica del poder, pudiendo crear o profundizar dilemas y controversias. El objetivo es reflexionar sobre la persistencia del contenido pornográfico en estas plataformas y sus consecuencias.

## PALABRAS CLAVE

lesbianas; pornografía; algoritmización; plataformización.

## ABSTRACT

This work uses the event of the change on Google's algorithms for the term "lesbian" and associates, in August 2019 for the study of digital platforms and their influence and participation in the daily controversies related to sexuality and gender, based on the reflection of Gillespie (2018) on search engines as a source of knowledge. The research is methodologically and theoretically aligned with the Actor-Network Theory and the Grounded Theory. The search results on 18 Bing and Yahoo results pages for the term "lesbian" point to the perspective of technological non-neutrality and, with that, to reflections on the role of algorithms in everyday life and in the dynamics of power, being able to create or deepen dilemmas and controversies. The goal is to reflect on the persistence of pornographic content on these platforms and their consequences.

## KEYWORDS

Lesbianities; pornography; algorithmization; platformization.

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como ponto de partida a mudança dos algoritmos de resposta do buscador da Google para o termo “lésbica”, realizada em agosto de 2019, após a campanha intitulada *#SEOlesbienne*<sup>3</sup>, na plataforma Twitter, iniciada por Fanchon Mayaudon-Nehlig, ativista francesa. SEO é a sigla para *Search Engine Optimization*, um mecanismo para otimização dos resultados mais aparentes nas buscas. A ação conseguiu que o maior buscador de conteúdo da internet, Google, revisasse seus algoritmos de resultados de pesquisas para o termo *lesbienne* (lésbica, em francês), os termos relacionados e sua tradução para outros idiomas.

Assim, assume-se enquanto um dos argumentos principais a noção de que plataformas digitais não são construções neutras, mas sim estruturas com normas e valores morais e/ou sociais previamente inseridos (DIJCK; POELL; WAAL, 2018). Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo central construir uma análise sobre os sentidos apresentados sobre as lesbianidades a partir de um estudo exploratório baseado nos fundamentos da Teoria Ator-Rede (LATOURET, 2013; LEMOS, 2013) e na Teoria Fundamentada nos Dados (CHARMAZ, 2009). Foram analisados os resultados apresentados nas 18 primeiras páginas das três plataformas de busca mais utilizadas por usuários na internet – depois do Google –, os buscadores Bing e Yahoo.

Antes da revisão da Google, ao digitar o termo lésbica ou correlatos em seu buscador, as expressões sugeridas para completar a pesquisa já estavam majoritariamente associadas à pornografia. Além disso, os resultados apresentados em destaque eram frequentemente de conteúdos pornográficos, ao invés de conteúdos mais informativos, históricos ou mesmo de notícias - o que se destacava em relação aos resultados apresentados para os demais indivíduos da comunidade LGBT, exceto quando estes eram mulheres transexuais e travestis. Quando acionado o "Estou com Sorte" do Google, que relaciona o termo ou expressão pesquisado ao conteúdo mais acessado ou relacionado ao tema, a página que aparecia era do portal de conteúdo pornográfico XVideos, um dos maiores sites de pornografia da internet.

Um dos pressupostos fundamentais para esta pesquisa é de que os algoritmos têm implicações cada vez mais materiais no âmbito social e político, reforçando-se enquanto verdadeiras máquinas de subjetivação (PASQUINELLI, 2013). Servindo não somente para a fabricação de mundos<sup>4</sup>, mas para reforçar estruturas já vigentes, principalmente aquelas que perpetuam discursos de discriminação, violência e opressão. Também que as plataformas de busca, por sua relevância na aquisição de conhecimento e informação hoje, são potencialmente capazes de agenciar as visibilidades e invisibilidades, consistindo em um frutífero campo para compreensão de imagens e sentidos construídos socialmente.

Especialmente ao considerar que os avanços tecnológicos e o aumento na frequência dos usos fazem com que, seja cada vez mais difícil separar o eu dessas tecnologias, porque "dispositivos se

3 "Palavra lésbica 'pertence a nós', diz criadora de campanha para corrigir algoritmo do Google". Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/lesbica-google-entrevista\\_br\\_5d517ab5e4b0c63bcbeb1d91](https://www.huffpostbrasil.com/entry/lesbica-google-entrevista_br_5d517ab5e4b0c63bcbeb1d91). Acesso em: 15 dez. 2019.

4 "Economia Psíquica dos Algoritmos: Persuasão, emoção, atenção". Disponível em: <http://medialabufrrj.net/projetos/economia-psiquica-dos-algoritmos-persuasao-emocao-atencao/>. Acesso em: 3 nov. 2019.

tornaram mais profundamente acoplados aos nossos sentidos de corpos e cada vez mais parecem extensões das nossas mentes" (TURKLE, 2013, p. 16).

Isto porque vivemos naquilo que pode ser considerado enquanto uma sociedade de plataforma, expressão que "ênfatiza que plataformas são uma parte integral da sociedade, onde conflitos de interesse são atualmente articulados em vários níveis" (DIJCK; POELL; WAAL, 2018). Plataformas online são arquiteturas digitais programáveis desenhadas para organizar a interação entre usuários, engendradas por meio da coleta sistemática de dados e informações, do processamento algorítmico e monetização de dados dos usuários.

Diante da plataformização da sociedade (DIJCK; POELL; WAAL, 2018), tem-se também a articulação dos indivíduos com e a partir dos dispositivos e plataformas para produção de sentidos sobre si mesmos, visto que os sujeitos são tanto consumidores quanto produtos nesse contexto (LUPTON, 2015). Dessa forma, plataformas não somente são estruturas capazes de refletir o social, mas de (re) produzir o social e os dilemas do cotidiano (COULDRY; HEPP, 2016). Nos preocupamos em refletir sobre quais podem ser os efeitos dos algoritmos em torno de temas e questões já profundamente vulnerabilizados. (LAZZARATO, 2014; PASQUINELLI, 2013; REGATTIERI; ANTOUN, 2018)

As máquinas organizadas em algoritmos (PASQUINELLI, 2013), assim como nossa vida em uma sociedade de controle (NEGRI, 1990), ou em uma sociedade plataformizada (DIJCK; POELL; WAAL, 2018), estão dispostas em sistemas de poder, ordem, controle e visibilidades que colocam em questão a capacidade de assimilação do comportamento humano diante de controvérsias das mais variadas naturezas. Dentre elas, as que colocam em questão as diversas sexualidades de mulheres, a violência machista e lesbofóbica, temas sobre os quais nos debruçamos em nossa pesquisa.

Na primeira seção do artigo apresentamos questões que tangem as controvérsias sociais e a importância dos buscadores na sociedade de plataforma desde uma perspectiva da Teoria Ator-Rede (LATOURETTE, 2013; LEMOS, 2013). Em seguida, refletimos sobre a plataformização e a algoritmização da vida e apresentamos sua relação com a pornografia e a violência lesbofóbica. Na terceira seção, apresentamos um apanhado dos dados a partir das respostas dos buscadores. Para finalizar, fazemos considerações acerca das limitações da pesquisa apresentada e dos desafios para futuros trabalhos.

## **2 AS ASSOCIAÇÕES ENTRE CONTROVÉRSIAS SOCIAIS, ALGORITMOS DE BUSCA E RESULTADOS**

Escolhemos trabalhar, compreendendo que a natureza do nosso objeto de pesquisa é diversa e produz agenciamentos de variadas naturezas em produções de sentidos e (in)visibilidades, em uma análise que admite a opacidade dos algoritmos, e busca entender a forma como algoritmos de buscadores podem operar diante de termos de busca que geram controvérsias, respondendo a perguntas sobre como a sua pretensa neutralidade opera nessas fronteiras opacas de questões sociais.

Algoritmos são, a princípio, "[...] procedimentos codificados que, com base em cálculos específicos, transformam dados em resultados desejados" (GILLESPIE, 2018, p. 97). No entanto, eles passam por

escolhas dos desenvolvedores e não são puramente abstrações matemáticas, porque projetam "[...] uma verdadeira e própria subjetividade física no que está fora de si mesmo" (PASQUINELLI, 2013, p. 30).

Buscadores de internet são programas com uma arquitetura de códigos com a função de varrer a internet pelas palavras chaves no comando de pesquisa, são símbolos importantes da internet como conhecemos hoje e se desenvolveram ao longo dos anos para aprimorar a capacidade de busca e pesquisa podendo, em segundos, reunir milhões de sites contendo a palavra ou expressão buscada.

Os usuários, em geral, têm a sensação de que encontram exatamente os resultados para o que buscavam – como se não houvesse outras respostas e informações possíveis ao que está colocado ali –, mas a verdade é que muitos outros recursos são necessários para que os sites se mantenham na primeira página. Os sites de busca definem seus programas por meio de sistemas de “relevância” (GILLESPIE, 2018) ou patrocínio.

O acesso à formulação dos algoritmos de busca ainda é um mistério, o sistema desses algoritmos de relevância (GILLESPIE, 2018) e dos algoritmos, em geral, funcionam a partir do seu desenvolvimento, mas também de incrementos feitos pelos próprios desenvolvedores e pelos cliques e escolhas dos usuários (GILLESPIE, 2018).

Assim, entende-se que os algoritmos têm agência na produção de sentidos sobre as coisas, sendo os algoritmos e os buscadores, também, agentes produtores de saberes (GILLESPIE, 2018), capazes de fazerem-fazer a respeito dos conhecimentos sobre o tema pesquisado.

Algoritmos não são objetos autônomos, mas são modelados pela ‘pressão’ das forças sociais externas. O algoritmo deixa ver a dimensão maquínica das máquinas informacionais, contra as interpretações simplesmente ‘linguísticas’ das primeiras teorias da mídia (PASQUINELLI, 2013, p. 30).

Sites de busca, desse modo, são mundos com conteúdo hierarquizados por meio do que o software acredita, programados a acreditar no que seja mais relevante em torno do termo. Ainda sobre as plataformas e algoritmos, é importante ressaltar o conceito de performatividade algorítmica, pois entende-se que se “acrescenta uma camada sensível aos objetos, habilitando-os a ‘aprenderem a ser afetados’ pelos corpos, enriquecendo os modos de fazer e se relacionar com os demais atores da rede” (BITENCOURT, 2019, p. 92).

O proposto por Latour (2012) é que o social se faz por associações e reassociações, e o cientista não deve buscar por uma explicação pronta para elas, mas sim descrever processos e caminhos, como um observador participante na antropologia. O objetivo não é explicá-las, mas observá-las e descrevê-las (LATOURE, 2012; AZAMBUJA, 2017). Assim, essas associações formam coletivos de coisas e gentes com suas múltiplas conexões, porque “[...] máquinas não explicam nada, é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas uma parte” (NEGRI, 1990, p. 216).

Em termos de produção metodológica, tendo ainda em vista a importância de um recorte de epistemologia feminista, tem-se um destaque para novas produções, codificações e análises de dados que dialogam com a inovação das pesquisas que se dão nos espaços digitais. Nesse sentido, evidencia-se a teoria fundamentada nos dados (CHARMAZ, 2009), uma proposta de pesquisa em movimento, que se associa às abordagens feministas e à virtualidade porque entende que as categorias podem ser instáveis.

Por meio da teoria, propõe-se uma pesquisa ativa desde o início do processo, onde a formulação das teorias acerca dos fenômenos se dá a partir dos próprios dados coletados, codificados e analisados a partir dos conceitos que se originam nesse processo (CHARMAZ, 2009). O que se planeja é construir descrições e análises teóricas que possibilitem fazer uma relação entre as conquistas sociais – como a mudança do teor das respostas do Google – e as frentes de perpetuação da discriminação por meio dos algoritmos e da construção de sentidos sobre as relações entre mulheres.

Nesse sentido, e a partir do evento que provoca as inquietações da pesquisa, foram descritas as 18 páginas de resultados do *Bing* e do *Yahoo*, que foram registrados por meio de prints e tabulados, coletados em janeiro de 2020.

### 3 PLATAFORMIZAÇÃO E ALGORITMIZAÇÃO DA VIDA NO CONTEXTO DA SEXUALIDADE LÉSBICA

Plataformas, como o buscador da Google, são uma parte integral da sociedade, onde conflitos de interesse estão inevitavelmente presentes, devido aos valores inseridos em suas estruturas (DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

Plataformas não são apenas um reflexo do social, mas produtoras de estruturas (COULDRY; HEPP, 2016). Elas produzem estruturas de funcionamento internas, mas também outras formas de interação e relação com as demais plataformas e nos demais espaços. Existem quatro características que definem plataformas: 1. São alimentadas por dados; 2. Automatizadas e organizadas por algoritmos e interfaces; 3. Formalizadas por modelos de negócio proprietários; 4. Governadas por termos de uso (DIJCK; POELL; WAAL, 2018)

Para Deborah Lupton (2014), a internet é um arquivo das coisas e um arquivo de si. Para além da quantidade de informações geradas e armazenadas, há também a questão sobre o conhecimento dessas informações porque em uma lógica da economia da informação, muitas coisas são tensionadas a partir desses arquivos. Esses são alguns pontos a respeito do aspecto da dataficação, onde entende-se que dados digitais são aqueles das próprias tecnologias, mas também aqueles produzidos e deixados por indivíduos.

Dentro de uma economia global de informações, a dataficação tem sido vista como “um legítimo meio para acessar, entender e monitorar o comportamento das pessoas” (DIJCK, 2017, p. 41) e se tornando central para a sociedade. Para a autora, a dataficação deve ser vista de maneira crítica, tanto pela falsa neutralidade das plataformas, quanto nos usos e interpretações dos dados.

Assim, um objeto dessa relação contrastante é o próprio corpo lésbico, inserido no tensionamento da presença e permanência dos sentidos sobre esses corpos lésbicos na internet desde o viés do corpo e da própria sexualidade. Aqui, toma-se como ponto de partida dessa relação, primeiro, a perpetuação de discursos de violência a partir da pornografia – resultado principal dos buscadores – e, em contrapartida, uma movimentação, como a campanha #SeoLesbienne para mudança nesse tipo de resposta algorítmica.

Embora exista um esforço de trazer debates em torno de outras formas de produção pornográfica, feitas por e para mulheres, sujeitos LGBT e outros grupos cuja autonomia sexual tenha sido historicamente sequestrada pelos interesses e desejos hegemônicos, o conteúdo pornográfico levantado – e o conceito de pornografia trazido à discussão – ainda está submetido às lógicas de dominação e obje-

tificação próprias de uma indústria violenta e violentadora, que representa e reproduz desigualdades (D'ABREU, 2013). O que reflete na produção, na circulação e no próprio consumo desses produtos.

Esse caráter violador da pornografia hegemônica e sua relevância na produção e consolidação de sentidos sobre o que devem ser as práticas sexuais – voltadas somente para realização dos desejos e prazeres masculinos (DINES, 2010) – está potencialmente alinhado a naturalização de estupros (MALAMUTH; CHECK, 1985) e, no que diz respeito ao recorte proposto, com o estupro corretivo de mulheres lésbicas. Estupro corretivo é aquele motivado pela própria orientação sexual da vítima, ampliando a concepção do estupro “conceitualizado como um crime contra a autonomia sexual de um indivíduo” (VITTO; GIL; SHORT, 2009).

Não existem análises aprofundadas sobre a violência lesbofóbica no Brasil, porque a maior parte dos dados coletados ainda é proveniente de informações divulgadas pela mídia. Essa constatação é bastante reforçada tanto pelos levantamentos do Grupo Gay da Bahia (GGB), existentes há 30 anos, quanto Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil<sup>5</sup>, publicado em 2018 e que reúne dados de 2014 a 2017.

Segundo levantamento da revista *Gênero e Número*, em média seis lésbicas sofreram estupro corretivo por dia durante o ano de 2017<sup>6</sup>. Trazer a questão dos estupros corretivos é importante para reforçar a forma como a pornografia hegemônica atua na construção de sentidos das lesbianidades e das vivências sexuais lesbianas enquanto objeto do prazer sexual masculino. Para além disso, corroboram a ideia de que cabe aos homens a determinação dos meios e finalidades da sexualidade das mulheres em geral.

## 4 APRESENTANDO OS PRIMEIROS RESULTADOS

Ao realizar a busca no site *Bing* utilizando o termo “lésbica” aparecem no resultado de busca cerca de 2 milhões e 270 mil resultados. Na primeira página de resultados na categoria “Tudo”, aparecem 5 links para vídeos pornográficos, sendo dois do XVideos, um do pornodoido.com, um do boafoda.com e o primeiro, do lésbicas.eco.br, cujo texto indexado é “Ninfetas lésbicas transando bem gostoso e podendo pra caralho nas mais reais cenas pornô que você pode imaginar. Melhor que Xvideos”. Depois desses resultados aparecem as notícias vinculadas ao [bing.com/news](http://bing.com/news), parte da plataforma responsável por conteúdos noticiosos, que traz três notícias relacionadas ao termo pesquisado, de conteúdo mais informativo. Em seguida, aparecem outros cinco links de sites pornográficos.

Os resultados envolvem termos como “novinhas”, “freiras”, “coroas”. Apenas na 11ª página dos

---

5 “Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil”. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 7 out. 2019.

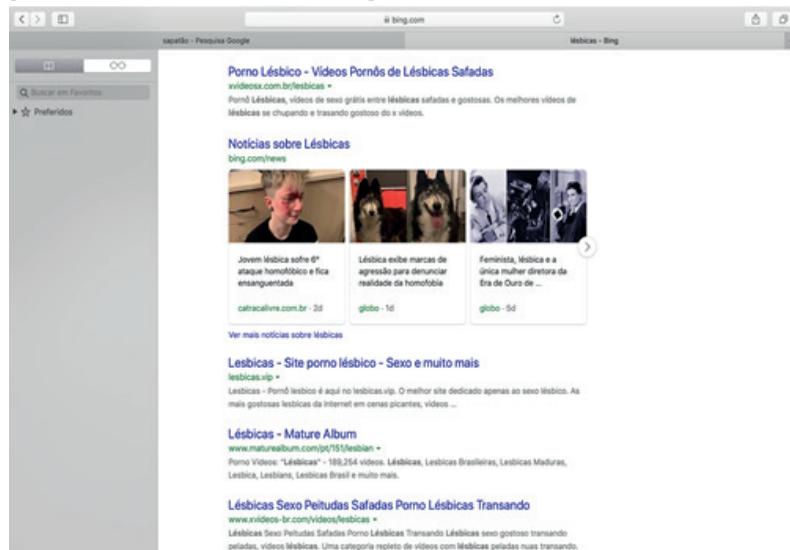
6 “No Brasil, 6 mulheres lésbicas são estupradas por dia”. Disponível em: <http://www.generonumero.media/no-brasil-6-mulheres-lesbicas-sao-estupradas-por-dia/>. Acesso em: 8 out. 2019.

resultados aparece algo informativo e não pornográfico, um link para o [dicio.com.br](http://dicio.com.br) com a definição de “lésbica” – na 5ª posição entre os 10 links de resultados apresentados. Em seguida, anúncios eróticos vinculados ao site Skokka, um site de encontros lésbicos para mulheres e, novamente, mais pornografia. Na 13ª página, na 8ª posição, aparece o link para o Entre Lésbica – Séries e Filmes, site que disponibiliza conteúdos lésbicos não pornográficos. Novamente, resultados pornográficos até a 9ª posição da 14ª página, em que há um link para o site Vila Mulher com o título “Minha filha é lésbica”. Esse mesmo resultado reaparece na 15ª página, na 8ª posição.

Já na 10ª posição, aparece o link para o portal Lettera, de literatura lésbica, que reaparece também na página 16. Na 17ª página surgem, nos três últimos resultados, 1. link para a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis; 2. um blog chamado “Colírio da Rede” 3. o portal Lettera. Na 18ª página, aparece o maior número de conteúdos informativos sobre lesbianidade, sendo 1. “Mulheres Lésbicas: Presentes! - Blog da Igualdade”; 2. um vídeo “Nem parece Lésbica” do canal da influenciadora e ativista digital Louie Ponto; 3. o site “Sou Betina - Tudo para lésbicas”, além de, novamente, o blog “Colírio na Rede”. No último resultado, uma pergunta no *Yahoo Respostas*, “Mãe e filha lésbica?”.

A categoria “Imagens” do Bing surpreende ao trazer frames do filme *Azul é a Cor mais Quente*, que trata do romance entre duas mulheres, e de outros filmes, além de celebridades que assumidamente se relacionam com outras mulheres, contrariando a expectativa de, novamente, representar a palavra buscada com pornografia.

**Figura 1** – Imagem de tela da busca no site [bing.com](http://bing.com) com o termo lésbica



Fonte: <https://www.bing.com/search?q=lésbicas&search=&form=QLBH&sp=-1&pq=lésbicas&sc=2-8&qsn=&sk=&cvd=F363BB48AEAE4F70B46FB4797F3C566A>. Acesso em: 20 jan. 2019.

No buscador Yahoo, na categoria *Web*, o primeiro resultado não pornográfico só aparece na 7ª página, na 7ª posição dos 10 links apresentados, por meio do site *lésbicas.com.pt* - Site de encontros Lésbicos para Mulheres. Na 9ª página, aparece o blog “Colírio da Rede”, na 9ª posição. Na 10ª página, na 3ª posição, aparece o primeiro conteúdo informativo sobre lésbicas, também link para o dicio.com.br com a definição de “lésbica”. Na 12ª página, em 3º lugar, o site de anúncios eróticos Skokka. Novamente só conteúdos pornográficos até a 16ª página, em que aparecem, na 8ª e na 9ª posição, 1. a página inicial do site da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABLGT); 2. Entre Lésbicas - Séries e Filmes.

Na 9ª posição da 17ª página aparece a página da Wikipédia com a definição da sigla LGBT. Na 18ª página aparece o link para o texto “Mulheres Lésbicas: Presentes! - Blog da Igualdade”, na 5ª posição, e para o podcast “Cadê Minhas Lésbicas?”, na 7ª posição. Na categoria Imagens do *Yahoo*, aparece a seguinte mensagem: “os resultados para lésbicas podem conter conteúdo voltado para adultos. O recurso *SafeSearch* deve estar desativado para exibir esses resultados”. Ao desativar o recurso, a maioria dos resultados apresentados é de conteúdos pornográficos, ele se apresenta na categoria Vídeos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma presente disputa pelo direito à autonomia sexual e reprodutiva de mulheres lésbicas. Simultaneamente, há o aumento de debates, dentro e fora das produções acadêmicas, sobre um giro na produção pornográfica, que se esforça em espaço para produções de cunho feministas e/ou contra-hegemônicas. Mas essas vozes disruptivas ainda são pouco presentes e perceptíveis na indústria pornográfica como um todo, além de não estarem representadas dentre as produções fílmicas e imagéticas apresentadas pelos buscadores.

As análises desses resultados, juntamente com as sequências de acontecimentos, só reforçam o que já se debatia há tempos sobre a não neutralidade tecnológica e sobre de quais formas os algoritmos podem estar ou não refletindo dilemas, controvérsias, problemas e subjetividades humanas. É nesse ponto em que podemos enfatizar os impactos que não-humanos podem ter em nossas vidas, assim como a forma como desenham papéis de verdadeiras extensões humanas, não sendo neutros e nem apáticos, mas se localizando e formando o social tanto quanto os humanos: educando e informando sentidos sobre as coisas e os indivíduos.

A notícia de que a empresa Google iria aderir à mudança nos códigos de busca é admitir não só que os algoritmos estão sujeitos às lógicas de objetificação e subordinação de determinadas identidades, (re)construindo imagens de violência já estabelecidas, mas também que existe a possibilidade de intervir nessas (re)produções de sentidos por meio dos algoritmos.

Estudar as interações humanas com as tecnologias digitais pode ajudar a ampliar a compreensão do mundo social e da organização dos conhecimentos. Há um interesse interior aos algoritmos, que é resultado de discursos e estruturas. Dessa forma, esperar que esse tipo de tecnologia seja a maior aproximação das percepções do mundo com a neutralidade é um equívoco bastante interessado na manutenção dos dispositivos de controle instaurados.

Entende-se, portanto, que há um extenso escopo de análise a ser enfrentado na compreensão do papel dos buscadores e dos seus resultados na construção de sentidos sobre sujeitos e fenômenos, mas compreendendo também a limitação que tange os estudos dos padrões algorítmicos, cujo acesso é controlado e impedido por grandes empresas, é de fundamental importância analisar aquilo que é apresentado aos usuários.

Como afirma Boyd (2010), compreender a complexidade dos usos, dinâmicas e propriedades dos públicos em rede - e, sendo assim, do funcionamento das próprias redes sociais - é uma forma de buscar compreender a lógica das práticas sociais. Há um olhar para o presente e, simultaneamente, para o futuro, pois “[...] o poder de transformar não pertence a sujeitos limitados, mas a um entrelaçamento mais-que-humano que permite coletivos a pensar e a inventar” (TOLA, 2016, p. 16).

O presente trabalho, ainda em andamento, pretende contribuir para os estudos sobre lesbianidades e as construções de (in)visibilidades a partir das plataformas e tecnologias digitais. Considerando que esses tipos de casos levantam a questão de se o problema está nos algoritmos que favorecem esse tipo de conteúdo dúbio ou com o conteúdo em si, instigando debates importantes sobre as "políticas dos algoritmos" (ZIEWITZ, 2016) e a maneira como eles têm, cada vez mais, moldado nossas maneiras de apreender e conhecer as coisas.

## REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, P. **Televisão híbrida:** recepção de TV sob a perspectiva sociotécnica da teoria ator-rede. São Luís: Edefma, 2017.

BOYD, D. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. *In*: Papacharissi, Z. (ed.). **A networked self:** identity, community and culture on social network sites. New York: Routledge, 2011.

CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada:** guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

D'ABREU, L. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 592-601, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822013000300013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000300013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10 nov. 2019.

DIJCK, J.; POELL, T.; WAAL, M.C. **The platform society:** public values in a connected world. New York: Oxford University Press, 2018.

DINES, G. **Pornland:** how porn has hijacked our sexuality. Boston: Beacon Press, 2010.

GILLESPIE, T. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95-121, jun. 2018. ISSN 2317-4919. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/722>. Acesso em: 7 out. 2019.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 7-42, 1995.

LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria ator-rede. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: 34, 2013.

LAZZARATO, M. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: N-1, 2014.

LE MOS, A. **A comunicação das coisas**: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Anna Blume, 2013.

LUPTON, D. **Digital sociology**. Routledge, 2015.

MALAMUTH, N. M.; CHECK, J. The effects of aggressive pornography on beliefs in rape myths: Individual differences. **Journal of Research in Personality**, v. 19, p. 299-320, 1985.

NEGRI, Toni. **O devir revolucionário e as criações políticas**. Entrevistado: Gilles Deleuze. Conversações (1972-1990). Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1990.

PASQUINELLI, M. Capitalismo maquínico e mais-valia de rede: notas sobre a economia política da máquina de Turing. **Lugar Comum: Estudos de mídia, cultura e democracia**, UFRJ, n. 39, jan./abr. p. 13-36, 2013.

TOLA, M. Composing with Gaia: Isabelle Stengers and the Feminist Politics of the Earth. **PhaenEx**, v. 11, p. 1-21, 2016.

TURKLE, S. Always-On/Always-On-You: The Tethered Self. **Handbook of Mobile Communication Studies**, The MIT Press, 2013. p. 121-138.

VENTURINI, Tommaso; MUNK, Anders; JACOMY, Mathieu. Ator-rede versus Análise de Redes versus Redes Digitais: falamos das mesmas redes? **Galáxia**, São Paulo, n. 38, p. 5-27, ago. 2018. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-25532018000200005&lng=pt&nrn=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532018000200005&lng=pt&nrn=iso). Acesso em: 20 jan. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554236645>.

ZIEWITZ, M. Governing Algorithms: Myth, Mess, and Methods. **Science, Technology, & Human Values**, v. 41, n. 1, p. 3-16, jan. 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0162243915608948>. Acesso em 20 jan. 2020.

---

**Recebido em:** 25 de Março de 2022

**Avaliado em:** 17 de Julho de 2022

**Aceito em:** 15 de Agosto de 2022

---



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaigual CC BY-SA

---

2 Doutoranda em Comunicação e Culturas Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia – UFBA; Integrante do Grupo de Pesquisa em Gênero, Tecnologias Digitais e Cultura – Gig@. E-mail: juliannamotter@gmail.com

